

O Progresso Catholico

... sequor autem, et quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *Carta Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII; O Socialismo Antigo—As virtudes das Leis de Lycurgus...*, por ***.—Secção Scientifica: *Liberalismo, Carta pastoral do Ex.^{mo} Bispo de Carthagena.*—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 51.^o*, pelo Padre João Vioira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Morte de Camillo Castello Branco*, por M. Fonseca; *Variedades*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica.—Secção Necrologica: *Fallecimento do enr. Arcebispo de Larissa*, por M. Fonseca.—Secção Litteraria: *Matinal*, por Duarte Bruno.—Retrospecto.

Gravuras: *Nos Andes; A Peregrina.*



NOS ANDES

Aos nossos presados assignantes

Não nos ençamos, porque n'isso vai o progresso e augmento do nosso quinzenario, de pedir com instancia aos presados assignantes que estão em debito o pagamento de suas assignaturas. Ha-os que devem dois e tres annos? Bem sabemos que todos os retardatarios tem tenção de pagar; mas o que talvez esses assignantes remissos não saibam é que a demora no pagamento causa sérias difficuldades á empresa do «Progresso Catholico», que, tendo despezas certas e avultadas, não pôde fazer face a ellas com o dinheiro em mãos dos srs. assignantes.

Por estas razões, que são, a nosso ver, dignas de serem ponderadas e attendidas, esperamos merecer aos srs. assignantes em divida a deferência ao nosso pedido, allás justissimo.

SECÇÃO RELIGIOSA

CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

(Continuado do n.º anterior)

Não sem duvida algum Prelado dar materia a reparos em alguma coisa menos louvavel na vida ou menos plausivel nas opiniões; mas não pertence a nenhum particular arrogar a si o officio de juiz, que Nosso Senhor Jesus Christo só commetteu ao Pastor que propoz aos cordeiros e às ovelhas. Grave pois cada um em sua memoria o sapientissimo preceito de S. Gregorio Magno, que assim se exprime: «*advirta-se aos subditos que não julguem temerariamente a vida de seus Superiores, ainda quando succedesse verem n'elles alguma acção reprehensivel, para que, emquanto justamente censuram acções más, não venham por soberba a cair em peiores. Avisem-se que, quando consideram as faltas dos Superiores, não cobrem audacia contra elles, mas ainda mesmo em casos graves assim os julguem no secreto de sua consciencia, que nunca se neguem a levar, por temor de Deus, o jugo de sua auctoridade... porque as acções dos Superiores não devem ser feridas com a espada da lingua nem ainda quando parecem merecedoras de censura*» (1).

(1) Reg. Pastor., P. III. c. 4.

Todavia pouco aproveitarão estes esforços, se não se tomar um teor de vida conforme com a moral e virtudes christãs.

Da nação dos judeus disse a Sagrada Escripura: «*Emquanto não pecaram contra o seu Deus, eram felizes; porque o seu Deus abhorrece a iniquidade...; mas quando se desviaram do caminho que Deus lhes tinha mostrado... foram dispersos em butanhas por diversas nações*».

Ora a nação judaica era como um esboço do povo christão e as suas vicissitudes passadas prefiguravam muitas vezes a verdade futura, com esta differença que a Bondade divina nos avantajou e enriqueceu de muito maiores beneficios, e que por isso mesmo os peccados dos christãos são aggravados com o crime de ingratição.

A Igreja por si nunca e de modo nenhum é desamparada de Deus, e portanto nada tem que temer da iniquidade dos homens; mas as nações, que vão degenerando da virtude christã, não podem contar com a mesma segurança. «*O peccado faz miseraveis os povos*» (1).

E se todas as edades passadas teem experimentado em si a força e verdade d'esta sentença, porque não havia de experimental a a nossa? Antes muitos indicios nos advertem que o merecido castigo está sobre nossas cabeças, e a mesma condição dos estados modernos o confirma, pois consumidos de males intestinos vemos nós os mais d'elles, mas em segurança perfeita não vemos nenhum. Se as facções dos máos continuarem com audacia no encetado caminho, se, como com suas más artes e peiores tenções vão grassando, assim chegarem a crescer em poder e influencia, muito é de receiar que venham a demolir pelos fundamentos que a natureza assentou, todo o edificio social.

Para evitar perigo tão formidavel não bastam os recursos humanos por si sós, mórmente porque um grande numero de homens, por terem repudiado a fé, estão soffrendo em justo castigo de seu orgulho andarem cegos das paixões a procurar em vão a verdade; abraçarem por verdade o erro, terem-se em conta de sabios, quando ao mau chamam bom, e ao bom mau, quando põem trevas por luz e luz por trevas (2).

Muito precisamos pois que Deus intervenha e lembrado da sua bondade lance olhos de misericordia para a sociedade humana. Para este fim, confor-

(1) Prov., XIV. 31.

(2) Is., V. 20.

me já outras vezes recommendámos, cumpre empenhar todo o zelo, e perseverança, para que a divina clemencia se deixe vencer de humildes supplicas, e renovar as virtudes proprias da vida christã.

Em primeiro lugar convem fomentar e manter a caridade para com Deus, a qual é o fundamento principal da vida christã, e sem ella as outras virtudes ou não existem, ou não dão fructo.

É por isso que o apostolo S. Pedro depois de exhortar os colossenses a fugir de todos os vicios e alcançar o realce de todas as virtudes, acrescenta: «*Mas sobre tudo isto revesti-vos de caridade, que é o vinculo da perfeição*» (1).

Sim, a caridade é realmente o vinculo da perfeição, pois quantos abraça, tantos une intimamente com o mesmo Deus, e faz que de Deus recebam a vida da alma para viverem com Deus e para Deus.

Em segundo lugar deve este amor de Deus andar irmanado com o amor do proximo, porque os homens são como uma participação da infinita bondade de Deus, e trazem estampada em si a divina imagem. Nós recebemos de Deus este mandamento: *Que aquelle que ama a Deus, deve tambem amar a seu irmão* (2). *Se algum disser, que ama a Deus, e não deixar de ter odio a seu irmão, é um mentiroso* (3).

A este preceito da Caridade chamou-o novo o divino Legislador, não porque não houvesse lei anterior e a mesma natureza que obrigasse os homens a amarem se uns aos outros; mas porque este modo christão de se amarem era verdadeiramente novo e inaudito no mundo. Realmente o amor com que Jesus Christo é amado por seu pae e com que Elle ama os homens, esse mesmo é o que impetrou para seus discipulos e seguidores, alm de poderem ser n'Elle um só coração e uma só alma, assim como por natureza Elle e o Pae são um.

Ninguém ignora com que profundeza penetrou nos corações dos Christãos a força d'este preceito logo desde o principio, nem quaes e quantos fructos produziu de concordia, mutua benevolencia, piedade, paciencia e fortaleza.

Pois por que se não hão-de os fieis applicar a imitar os exemplos de nossos paes? A mesma condição dos tempos em que vivemos não é pequeno estimulo á caridade.

Visto que os impios atizam o odio a Jesus Christo, reanimem os Christãos a piedade e renovem a caridade que é a mãe das acções generosas. Aquietem-se

(1) Coloss., III 14.

(2) Ep. S. Jo. VII. 21.

(3) Ib. 20.

as discordias, se as houver; emmudeçam as contendas que dividem as forças dos combatentes sem proveito algum para a Religião, e então, unidas as intelligencias pela fé e os corações pela caridade, passe-se à vida christã, como é bem, no amor de Deus e dos homens.

Vem a proposito exhortar nomeadamente os paes de familia que regulem, segundo estes preceitos, o governo de suas casas e a educação de seus filhos desde a mais tenra idade. A familia contém em si os germens da sociedade civil, e é em grande parte no lar domestico que se vae creando a sorte dos Estados. Tão verdade é isto que, os que se propõe arrancar-os ao christianismo, começam pela raiz dando-se pressa a corromper a familia. E não os demove de tão horrendo attentado a idéa de enorme injustiça que com isto fazem aos paes a quem pertence por direito natural dar a educação a quem deram a vida, direito que traz consigo o dever de ordenarem a educação e formação dos filhos ao fim para que Deus lh'os concedeu.

E' portanto rigorosa obrigação dos paes trabalhar e lutar para repellar toda usurpação n'esta materia e reivindicar para si exclusivamente o direito de educarem seus filhos com espirito christão, como deve ser, e desviar os, custe o que custar, d'aquellas escolas, onde estejam expostos a beber o mortal veneno da impiedade.

Quando se tracta da boa educação da juventude, nunca o trabalho é de mais, por muito que elle seja.

N'este poncto são dignos da admiração universal muitos catholicos de varias nações que, com grande despeza e maior constancia, têm creado escolas para a educação de seus filhos. Convém que tão bello exemplo seja imitado em toda a parte onde as circumstancias o exigirem.

Entre tanto persuadam-se todos bem que, para a boa educação dos meninos, tem a maxima importancia a educação domestica. Se a juventude encontra no lar domestico as regras da vida virtuosa e uma como escola prática das virtudes christãs, segura está em grande parte a salvação da sociedade.

Cremos ter tocado as causas principais, que n'estes tempos os catholicos devem fazer ou evitar.

Resta agora, e a vós portence, Veneraveis Irmãos, procurar que a Nossa palavra se espalhe por toda a parte, e que todos comprehendam quanto importa pôr em prática as doutrinas que n'estas Letras se contém. O cumprimento d'estes deveres não pôde ser cousa molesta e incommoda, porque o

jugo de Jesus Christo é suave e seu peso leve.

Se porém algum poncto parecer mais duro de observar, procurareis com vossa auctoridade e exemplo excitar em cada fiel brios maiores até sair das difficuldades victoriosos.

Mostrae-lhes, como outras vezes fizemos, que estão em perigo os bens mais preciosos e mais dignos de estima; que para os conservar, todos os trabalhos são poucos, e que estes trabalhos terão tão grande recompensa, como é a que será fructo de uma vida passada christãmente.

Por outra parte negar-se a combater por Jesus Christo, é combater contra Elle, e o mesmo Senhor protesta que renegará nos céos perante seu pae dos que o não tiverem confessado perante os homens na terra (1).

Quanto a Nós, e por vós todos o dizemos tambem, faremos, emquanto nos durar a vida, que nunca e por nenhum modo venha a faltar n'este combate Nossa auctoridade, Nossos conselhos e auxilios. Do auxilio do ceo, e auxilio muito especial, certo estamos que não faltará Deus com elle ao seu rebanho e aos Pastores até serem debellados seus inimigos.

Animado d'esta confiança, em penhor dos dons celestes e de Nossa benevolencia, de todo o coração vos concedemos em Nosso Senhor a vós, Veneraveis Irmãos, ao vosso clero e a todo o vosso povo, a Bênção Apostolica.

Dada em Roma, juncto de S. Pedro, aos 10 dias de janeiro do anno de 1890, duodecimo do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA

O Socialismo Antigo

As virtudes das Leis de Lycurgo!...

NÃO cremos se aventurasse em nenhum paiz do mundo um sistema de economia politica tao extraordinario como as leis de Lycurgo em Sparta.

A regra mais austera d'uma comunidade, as reformas mais radicais decretadas por quaesquer assembleias revolucionarias, e, em nossos ultimos tempos, as rhetoricas e os programmas aventureiros do socialismo mais utopista, nada tem que possa comparar-se com essas leis, em materia de arrojo e de originalidade. Parecem antes o sonho d'um delirante, que o fructo das meditações d'um esta-

disto, e ellas comtudo tiveram uma bem proiongada existencia, e callaram bem fundo nos costumes d'um povo celebre para que deixem de occupar um logar na historia da sciencia, e a attenção dos leitores.

O principal caracter que as distingue, é o haverem sido, para assim dizermos, improvisadas e applicadas sem transição à administração d'um povo que até então havia tido multissimas differentes.

Julgar-se-hia, ao lê-las, ver n'ellas antes os estatutos de um collegio ou seminario que o codigo d'uma nação. Tudo alli é tão singular, que da existencia mesmo de seu auctor duvidaram os sabios.

Todavia, qualquer que seja a origem das leis de Lycurgo, está perfeitamente provado, que presidiram durante alguns seculos, mais ou menos intactas, aos destinos dos spartiacos.

Passam por haver realisado a utopia d'uma repartição geral das propriedades e d'uma educação commum a todos os cidadãos.

Encerram conjunctamente um sistema completo de economia politica, um cathecismo para as creanças, um manual universal para as industrias.

Regravam a ordem de successão ao throno, e a das iguarias nas refeições.

Pois o que ha tão extraordinario como essa divisão do territorio em Sparta, em nove mil porções, e o resto do paiz em trinta mil outras partes, indicadas a tantos paes de familia, sob a condição de distribuir os productos d'ellas por suas mulheres e filhos? Por quanto tempo devia durar esta egualdade passageira dos teres?

Confesso que me é difficil o imaginar uma sociedade sem a liberdade de comprar e de vender qualquer porção de terreno, nem a de poder legar por testamento. Como conciliar esta defesa com o direito de primogenitura, que vigorava em Sparta, a não suppôr que o filho mais velho de cada familia fôsse obrigado a alimentar seus irmãos, e n'esse caso que vinha a ser a egualdade, esse fim imaginario das leis de Lycurgo?

Não era permittido constituir um dote às filhas, mas casavam-n'as provavelmente sem inquietar-se com o futuro, visto que o Estado se encarregava de educar e sustentar os filhos que ellas tivessem.

Feliz paiz, aquelle em que só bastava ao cidadão o sentar-se à mesa para ter certo o comer, uma vez que não tivesse faltado com o seu contingente de cevada ou de legumes!

Para cumulo de prodigio, nem havia lá impostos nem thesouro publico; e todavia, a darmos credito a Aristoteles, esse povo philosopho achava por

(1) S. Luc., IX, 26.

vezes meio de dar dinheiro de emprestimo. Havendo os deputados de Samos recorrido á bolsa de Sparta, allirma nos Aristoteles que a assembleia geral ordenou um jejum universal de vinte e quatro horas, *homens e animas inclusivamente*, para obter uma pequena somma e gratificar com ella os alliados. Mas uma vez que era prohibido o comprar e o vender, para que servia o dinheiro em Sparta? Apesar do nosso completo respeito pela antiguidade, todas estas historias de emprestimos nos parecem mystificação! O que é certo, todavia, é que houve uma época em que o sentimento da propriedade pareceu extinto em Sparta, e em lugar d'elle uma inercia patriótica assente na ausencia quasi total de precisões pessoaes; pois a legislação de Lycurgo era perfeitamente consequente. Destruindo as bases da propriedade, devia fazer uma crua guerra ao desejo de adquirir, e ao de pois a todos os gostos que o inflammam.

* * *

E', effectivamente, o que o legislador havia previsto.

Todos os meninos, arrancados desde bem tenra idade á influencia maternal, deixavam de pertencer a suas familias para tornarem-se a propriedade do Estado.

Eram educados em communidade, qualquer que fôsse a sua origem, segundo certos principios invariaveis, debaixo da vigilancia dos magistrados e quasi sobre a praça publica.

O chicote é decretado a instituição por excellencia; como medida de limpeza os meninos não trarão os cabellos senão aparados á escovinha; andarão descalços em todas as estações do anno, e dormirão sobre liteiras de folhas de cannas.

Eram ensinados a furtar os fructos para suas refeições, mas são fustigados quando não são arteiros no furtar.

Observam a temperança e a sobriedade, para serem espertos e ageis.

Chegados á adolescencia, uma nova profissão começa para elles, a da guerra; e é com tal audacia que se exercitam n'ella que o sangue corre n'esses circos immundos, onde elles se rasgam semi-nus, na presença das mães. «Tu me mordes como uma mulher, diz um; não, mas como um leão, replica outro,» e os espectadores applaudem a estes furiosos que se serviam com graça das unhas e dos dentes.

Detestavel povo! que nome acaso dariamos nós a taes virtudes!?

* * *

A educação das mulheres não apresentava anomalias menos repugnantes, e nossa rasão recusa-se a admitir a

pretendida efficacidade moral do systema adoptado com relação a ellas.

Um critico espirituoso disse algures com exactidão que as mulheres em Sparta eram tidas como bestas e não como as companheiras dos homens.

Só eram estimadas em rasão da energia de suas fórmas e do vigor do seu temperamento.

Ellas eram bein cedo exercitadas no manejar a azagaia, em correr quasi nuas no circo, em presença de todos os cidadãos e até dos rapazes da mesma idade.

Fallarei eu do uso infame de substituir os maridos por os amantes, n'uma infinidade de circumstancias legalmente previstas? E' conveniente acaso lembrar as uniões incestuosas e as combinações de criação que levaram este povo grosseiro á promiscuidade dos sexos, sob pretexto de embelezar a raça e de fortificar as gerações?...

.....

Em Sparta como em Athenas, esses homens, differentes em tudo, eram semelhantes no horror que tinham pelo trabalho. O trabalho era para elles o symbolo da escravidão, deploravel erro que perdeu a civilisação antiga.

Todavia as instituições de Sparta excitaram no mais elevado grau a admiração assim dos antigos como dos modernos. Aristoteles, Platão, e Xenophonte nos deixaram d'ellas vivas e animadas pinturas...

* * *

SECÇÃO SCIENTIFICA

Liberalismo

Carta pastoral do Ex.^{mo} Bispo de Carthagena

(Continuado do n.º 14)

IX

Condemnação do Liberalismo

PARA que distinctamente as consciências, as olheis com horror e as eviteis com cuidado, expuzemos com alguma latitude as absurdas doutrinas que, em cada um de seus tres graus, professa o *Liberalismo*, doutrinas que parecem distinctas na forma, mas que no fundo são unas, com essa unidade logica que existe entre as premissas e as consequencias, entre a deducção e o principio. Deter-nos-hemos agora a refutal-as? Seria injuriar a vossa rasão e a vossa fé, Veneraveis Irmãos e Amados Filhos, se pretendessemos convencer-vos do absurdo do panteismo, do atheismo e do deismo pelo que toca

à ordem metaphysica e religiosa; do dissolvente e destruidor que seria na ordem social o communismo, o socialismo e o anarquismo, se por desgraça um dia se ensaiasse a sua applicação ás sociedades. Ha doutrinas e systemas que, para refutal-os, basta expol-os; a rasão humana tem principios e leis que não pôde contrariar.

Quasi por identicos motivos nos abstemos de mostrar-vos o absurdo que é em theoria, e o quanto seria pernicioso e dissolvente na pratica o segundo grau: o *Liberalismo naturalista*. Como procurariamos demonstrar sem injuria, a devotos e religiosos christãos, como por graça de Deus são os nossos diocesanos, a existencia de Christo Senhor Nosso, sua divindade, a necessidade e existencia da revelação, a inspiração das Sagradas Escripturas, a auctoridade e infallibilidade da Igreja, a transmissão do peccado original, a necessidade e existencia da graça, n'uma palavra a existencia da ordem sobrenatural, superior em excellencia, fins e meios á pura ordem da natureza? Sem exame, nem discussão, nem juizo, esse systema está condemnado por si mesmo. *Qui non credit, jam judicatus est. O que não crê, já está, não só julgado, mas condemnado, e condemnado pelo mesmo que não crê no nome do Filho Unigenito de Deus. Quia non credit in nomine Unigeniti Filii Dei* (1). Semelhante systema está condemnado a perpetuas sombras, a trevas impene-traveis na ordem especulativa. *Esta é a condemnação*, continua o Salvador, *que a luz veio ao mundo, e os homens amarrão mais as trevas que a luz* (2); e na ordem pratica está condemnado á esterilidade, á decomposição, á morte. *Qui incredulus est Filio*, dizia o Baptista, *non videbit vitam, sed ira Dei manet super illum. Quem não crê no Filho, não verá a vida, mas ao contrario, a ira de Deus permanece sobre sua cabeça* (3).

Um e outro systema liberal, além dos anathemas da rasão e do senso commum, tem merecido, tanto antigamente como no presente a condemnação da Igreja; singularmente na mui celebre Encyclica *Quanta cura* de Pio IX, e na constituição dogmatica *de Fide* dada pelo Concilio Vaticano; condemnações confirmadas e reiteradas pelo Nosso Santissimo Padre Leão XIII em quasi todas as suas Encyclicas, especialmente na primeira que publicou depois da sua elevação ao throno Pontificio (4), e nas outras *Immortale*

(1) Joann., III, 18.

(2) Ibid., v. 19.

(3) Ibid., v. 36.

(4) *Incorutabili*, 21 d'abril de 1878.

Dei (1) e *Libertas* (2). Ambos os systemas pertencem, por conseguinte, àquelle mundo reprovado pelo Nosso Salvador, na oração que fez a seu Pai na noite da ceia. *Non pro mundo rogo, sed pro iis quos dedisti mihi, quia tui sunt. Non te peço pelo mundo, mas pelos que me destas, porque teus são* (3).

Além d'isso, nas Nossas Instrucções sobre o *Livre Pensamento* e a *Franco-maçonaria*, publicadas nos dois annos anteriores, expuzemos já o absurdo de taes systemas, considerados especulativamente, e quão perigosas e dissolventes são suas doutrinas applicadas à governação dos estados.

O nosso principal objecto hoje é dar-vos a conhecer quão absurdo e perigoso é o *Liberalismo politico*, que é a heresia da epocha; heresia da moda, que não contente com oppôr, como as antigas heresias, suas negações dogmaticas às verdades catholicas, desce com suas perversas doutrinas à ordem politica para transtornal-a e destruil-a, vociferando liberdade, dignidade e progresso. Como Pastores, pois, ainda que indignos da grey christã, em presença do lobo social, vestido com *pelle d'ovelha* (4), temos obrigação de soltar o grito d'alerta, desmascarar o maligno, afugental-o, destruil-o. Deus nos livre d'incorrer n'aquella tremenda reprehensão que o Senhor dava aos sacerdotes d'Israel pela bocca do propheta Isaias: *As suas sentinellas estão cegas, ignorantes dos males que opprimem o povo; cães mudos, impotentes para ladrar* (5); antes, pelo contrario, procuraremos cumprir ao pé da letra o mandato que Nosso Senhor Jesus Christo dava ao Bispo de Sardis: *Sê vigilante, e confirma na tua grey o que d'outra maneira haveria de morrer* (6); ou o aviso de S. Paulo a Timotheo: *quando venha o tempo em que os homens não possam soffrer a sã doutrina... vigia tu, trabalha, desempenha a missão de Evangelista, cumpre teu ministerio* (7).

Em cumprimento, pois, de Nosso elevado ministerio, vamos apresentar-vos a heresia contemporanea, tal qual é, sem ambages nem distincções.

O *Liberalismo politico* pugna abertamente com a doutrina catholica; oppõe-se à razão; arrasta a monstruosos absurdos na ordem especulativa ou philosophica, e traz em si gravissimos males, profundos transtornos para as

sociedades e as familias, a quem praticamente se applica.

(Continúa).

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

51.º

CXX

P. Estevão Fagundes



João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, fallando d'este sabio jesuita, diz o seguinte:

«Foi um dos mais graves e profundos theologos d'este reino, e por isso todas as suas obras são universalmente estimadas e allegadas. e com especialidade os tratados dos *Preceitos do Decalogo e da Egreja.*»

Bastava este testemunho insuspeito, para se saber quem foi o P. Estevão Fagundes, de que agora nos occupamos: foi um dos eminentes moralistas da Companhia de Jesus, considerado como escriptor classico entre os que trataram da sciencia moral.

Nasceu em Vianna do Minho, no anno de 1577, sendo filho de Belchior Ledo de Barros e de sua segunda mulher Catharina Fagundes, pessoas nobres e virtuosas, que o educaram nos sãos principios religiosos. Entrou na Ordem de Santo Ignacio, no collegio de Evora, a 13 de janeiro de 1594. Seguindo o costume do instituto, ensinou por muito tempo theologia em Braga e no Porto, com grande reputação.

O P. Fagundes, sendo dotado de profundo talento e feliz memoria, distinguu-se pela exacta observancia da sua regra e pela pratica de todas as virtudes religiosas. Mais cheio de merecimentos do que de annos, falleceu em Lisboa, na Casa Professa de S. Roque, a 13 de janeiro de 1645, em egual dia ao da sua entrada na Companhia.

As suas obras versam pela maior parte sobre theologia moral; n'este genero adquiriu grande celebridade, sendo o seu parecer auctorizado entre os moralistas. Basta dizermos que Santo Affonso de Liguori o cita com muita honra.

As universidades de Coimbra, Evora e Salamanca o intitularam homem sapientissimo, clarissimo, gravissimo e eruditissimo. Os famosos lexicographos Luiz Moreri e Nicolau Antonio celebram o seu nome.

CXXI

P. Affonso Nicolai

Nasceu este celebre litterato e com-

mentador dos livros santos na cidade de Lucca (Italia), a 31 de dezembro de 1706, e vestiu a roupeta de Santo Ignacio em 1723; professou os quatro votos a 15 de agosto de 1740.

Seguidos os estudos ordinarios e depois de ensinar varias sciencias em alguns collegios da Companhia, foi nomeado para reger a cadeira de Escripura Sagrada em Florença. Foi tanta a fama da sua erudição no exercicio d'esta faculdade, que o imperador allemão, Francisco I, lhe conferiu o titulo honorifico de seu *theologo*.

O P. Affonso Nicolai sobreviveu à suppressão da Companhia de Jesus, entrando então na Ordem de Cister, onde continuou a occupar-se de trabalhos scientificos. Falleceu piamente em 1784.

E' muito intenso e variado o catalogo das suas obras: constam de memorias, panegyricos, poesias, dissertações, commentarios aos livros santos e pensamentos sobre a religião.

Nas suas lições à Escripura Sagrada escreveu sabias notas, e ahi, quando se lhe offerece occasião, refuta os sophismas da irreligião e da incredulidade. Encontra-se alli a eloquencia reunida à graça do estylo.

Foi justamente venerado de todos os sabios do seu tempo. Lourenço Berti, eremita de Santo Agostinho, o colloca entre os bons commentadores da Biblia Santa.

Não se deve confundir com o P. João Baptista Nicolai, seu irmão, e que tambem foi jesuita, e era versadissimo nas sciencias ecclesiasticas.

CXXII

P. Francisco Pellizario

Notavel como theologo moral foi este religioso da Companhia de Jesus, que nasceu na Italia, nos fins do seculo XVI. Foi reitor do collegio de Ferrara, e ensinou por muitos annos varias sciencias com louvor e approvação geral.

Versadissimo em canones, clarissimo nas questões de moral, não era menos pio e modesto. Falleceu em 1651. Santo Affonso de Liguori cita com honra este auctor, ainda que nem sempre segue as suas opiniões, nos pontos controversos da theologia moral, o que egualmente observa com relação a outro qualquer moralista, por mais auctorizado que seja.

Além d'outras, o P. Pellizario deixou duas obras pelas quaes é conhecido entre os mais distinctos casuistas: O *Manual dos Regulares*, e o *Tratado das Freiras*. N'estas obras elle traz algumas proposições que hoje não é permitido sustentar; e por esse motivo cautamente se devem lêr.

(1) Publicada no primeiro de novembro de 1885.

(2) 20 de junho de 1888.

(3) Joann. XVII, 9.

(4) Marth. VII, 15.

(5) Isaiæ LVI, 10.

(6) Apocalip. III, 2.

(7) Timoth. IV, 6.

Não admira que errasse em alguns pontos o P. Francisco Pellizario, apesar de ser um homem douto e pio. Outros muitos varões de virtude e sciencia teem errado de boa fé, sendo as suas obras censuradas pela Igreja, a cuja decisão se submeteram com honra sua.

Quando Roma feriu com a censura uma obra do grande Fenelon, e a de Ventura de Raulycy, estes dous insignes varões humildemente se sujeitaram á decisão da auctoridade competente, e com este passo se engrandeceram.

Os jesuitas são homens, e por isso não estavam exemptos do erro. São, porém, rarissimos os que foram censurados pela Igreja, e nenhuns deixaram de aceitar a condemnação. A Companhia era a primeira que desaprovava os desvios de seus filhos, e, se elles não obedeciam, eram expulsos da Ordem.

Convem tambem saber que muitas das proposições de moral, sustentadas por Pellizario, eram controversas no seu tempo, quasi commum nas escholhas, e eram defendidas com boas intencões, em sentido não odioso.

Finalmente diremos que o P. João José Montani, sabio jesuita, fez em 1755 uma nova edição do *Tratado das Freiras*, de Pellizario, correctá na parte em que sustentava opiniões pouco justas.

As observações, que acabamos de fazer com relação á obra d'este jesuita, devem entender-se ácerca d'outro qualquer moralista catholico.

(Continúa)

P.* João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Morte de Camillo Castello Branco



snn. visconde de Correia Botelho, mais conhecido por Camillo Castello Branco, poz ha dias termo á vida, mettendo uma bala n'um ouvido.

Causou profunda sensação esta noticia, rapidamente espalhada em todo o Portugal pelo telegrapho, já pela posição eminente que nas letras patrias occupava o suicida, já pelas circumstancias de que o attentado foi revestido.

Ha tempos que Camillo Castello Branco enfermára gravemente dos olhos, perdendo pouco a pouco quasi completamente a vista.

Camillo era trabalhador incançavel,

amigo dos livros e da escripta, e a cegueira, obrigando-o á inacção, lançou o n'um estado d'irascibilidade, que só os que o visitavam podem avaliar. Consultou os mais afamados especialistas d'olhos, e não encontrando lenitivo a seus males na sciencia humana, desesperou de o alcançar da sciencia divina e... suicidou-se!

A Camillo faltou-lhe a fé d'um Henrique Lasserre, e, quicá, amigos como o protestante Freycinet e sua esposa, que lhe vertessem no coração, fechado para as consolações sobrenaturaes, uma pequenina scintilha de viva fé, que o animasse a confiar a sua cura da misericordia divina.

Camillo circumvagou o olhar por tudo o que o rodeava e não viu no mundo nada que lhe pudesse attenuar seus males; elevou os olhos para o alto, mas a sua falta de fé e de esperança não lhe deixou vêr as consolações que haure a alma afflicta quando plenamente confia e repousa no Coração Sagrado do amantissimo Jesus. Desesperado, não esperando nada dos homens, cuja sciencia fóra impotente para o curar, e fechado seu coração para a confiança no ceu, lançou mão d'um revolver e... suicidou-se!

Quem poderá dizer o que era a alma de Camillo, qual o seu modo de sentir em religião? Um seu biographo diz que «Camillo, que não teve uma forte educação philosophica propria para lhe arreigar convicções profundas em qualquer sentido, oscillou sempre entre o mysticismo mais espiritualista e o materialismo mais grosseiro.» Ha um fundo de verdade n'esta affirmativa.

Camillo, nas suas *Horas de Paz*, escreveu algumas coisas que a penna mais christãmente educada não se dignaria d'assignar. Mas passados alguns tempos, essa mesma penna, que traçara pensamentos christãos e impregnára os seus escriptos de doutrinações puramente orthodoxas, escrevia blasphemias monstruosas e obscenidades intoleraveis.

O sentir de Camillo era incomprehehsivel.

Ultimamente mais incomprehehsivel se tornára. Hoje escrevia a um amigo de crenças religiosas pedindo-lhe orações a Deus para obter a sua cura; amanhã, quasi allucinado, escrevia a outro dizendo-lhe que, não esperando de ninguem o allivio de seus padecimentos, só via no suicidio a porta por onde subtrahir-se a seus males.

Mixto de contrariedades, com a alma oscillante entre o bem e o mal, entre a verdade e o erro, Camillo ora nos apparecia envolvido na capa do materialismo mais grosseiro quando affirmava que, depois d'esta vida, só havia

a chimica subterranea que se incumbia de reduzir os corpos a pó, ora dizia que, tendo aberto o livro de Lasserre, intitulado *Nossa Senhora de Lourdes*, lera todas as suas paginas e chorára.

Alguns momentos da vida de Camillo, em que por vezes parecia transparecer na sua alma a scintillação d'uma chispa de fé, fizera-nos abrigar a esperança de que d'elle, ao partir d'esta vida terrena para a eternidade, se não diria: tal vida, qual morte! Infelizmente não succedeu assim. As dores phisicas e a impotencia para o trabalho não esclareceram aquelle espirito, oscillante entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal; ao contrario, obumbraram-lh'o mais e mais, ao ponto do seu braço, n'um momento de desespero, se erguer para pôr termo a seus dias.

Camillo, a quem muitos consideravam como um forte, terminou como um covarde, pois tal é o homem que busca no suicidio o termo de seus sofrimentos.

De todas as paginas que Camillo escreveu, é esta, que foi escripta com a bala d'um revolver, a de mais perniciosos effeitos para a sociedade.

Alguns de seus escriptos, que respiram impiedades e obscenidades por todos os poros, hão de passar e cair no olvido; o que ficará eternamente e jámais esquecerá é que esse homem, que foi um dos nossos escriptores modeleros de mais nomeada, terminou desgraçadamente, aborrecido de Deus e dos homens, a sua vida terrena.

Triste herança lega á nossa sociedade com a sua morte este infeliz suicida!

Os tempos que correm são de descrença e materialismo grosseiro, e o acto de desespero de Camillo não deixará de ter imitadores. De facto, quando homens que occupam posição eminente na sociedade dão o deplorabilissimo exemplo de cortarem o fio da existencia, da qual Deus é dador e senhor, e o unico que da vida do homem póde dispôr a seu beilo prazer, que se póde esperar dos membros d'essa sociedade menos illustrados e educados fóra dos principios christãos?

Só a religião christã póde livrar a sociedade do flagello do suicidio. Quem tenha o espirito empapado nos salutarres ensinios do christianismo, não se suicida, porque sabe que com esse acto de verdadeira loucura procura a sua condemnação eterna. Só se suicida o homem que não teme a Deus nem confia na sua infinita misericordia. Esse sim, não duvida cortar o fio da vida, porque não sabendo ou esquecendo que a sua existencia n'este mundo é apenas uma passagem para a eter-

nidade, apenas o visitam as dôres ou as contrariedades, esforça-se por desprender-se d'ellas, cortando os liames que o prendem à terra.

A mãe do suicidio é a philosophia materialista. A humanidade deve estar-lhe grata por este assignalado ser viço, que lhe veio prestar com suas fementidas doutrinações!

Só a verdadeira Igreja de Deus é que tem a força necessaria e o remedio salutar para fazer com que seus fi-

cruel, que nem tem temor de Deus nem amor do proximo.»

O visconde de Correia Botelho sobreviveu ainda uma hora depois do attentado que contra si mesmo perpetrrou. Talvez que n'esses momentos pedisse a Deus o perdão de seu crime e o obtivesse. Oremos, pois, por elle porque, se sua alma estiver no purgatorio, as nossas orações podem ser-lhe proveitosas. Não esqueçamos que «orar pelos mortos é um santo e salutar pen-

disse aos pais com admiração: «Fallase em tantas linguas na Europa!» Na Europa não ha menos de 18 linguas officiaes pois que outras muitas mais ou menos perfectas são falladas tambem, bastando correr a Peninsula italiana e a França para de isto se ficar convencido; em Portugal temos o portuguez, e ainda menos que uma lingua uma linguagem local, a mindiaca que só os mindericos usam entre si, e consistindo na troca da significação das



A PEREGRINA

lhos bem-amados repillam com horror a ideia do suicidio.

Se Camillo fosse embalado nos braços d'esta Mãe, por certo que nunca da sua penna sahiriam estas palavras: «Invectivar de covarde o suicida é escarrar na face d'um morto. Não se pôde ser mais cruel nem mais infame.»

O seu pensamento, no caso de ser filho estremecido da Igreja, traduzir-se-ia assim: «O suicida é um covarde que quasi não merece que a sua memoria seja lembrada com saudade. Quem louva, ou mesmo quem encara indifferentemente o suicidio, é um

samento.» Tenhamos para com esse infeliz esse grande acto de caridade.

M. Fonseca.

Variedades

IAJAVA na Europa uma familia americana da Nova-Orleães, com a qual fizemos conhecimento em Roma; compunha-se dos pais, homem e senhora de fino tracto, e de um filho; este teria os seus nove annos. Viajando pela Europa, a creança

palavras e phrases. Os mindericos ou habitantes de uma parte da Serra de Minde são mui sagazes; cultivam suas terras, mas dão-se muito ao commercio, ninguem entra de fora na sua região que não receba de elles uma alcunha, mesmo que seja o Soberano.

Quando Bispo de Leiria o Senhor Dom Guilherme Henriques de Carvalho, fazendo a Visita Pastoral á sua Diocese, visitou Minde, teve logo, salvo o respeito, a sua alcunha, que o primeiro Conde de Murça, Dom Miguel de Mello, chamava preparo; o Senhor Bispo Dom Guilherme sabia do uso de

Minde, e com aquella sua bondade, e delicadeza, que lhe era natural, perguntou a um grupo de mindericos: que nome me puzestes vós? depois de um minuto de intervallo... — o de Seraphim das Sette Azas! São de muito sentimento catholico os mindericos, e as mulheres de um recato tal, que á noite não põem o pé na rua; se sahe o Sagrado Viatico adoram o Santissimo Sacramento de suas casas ou á porta na passagem, mas não sahem; são muito decididas, e quando ellas dizem aquelle lugar é meu, não ha disputar-lh'o.

O mencionado Conde de Murça deixou memoria como bom estudante em Coimbra, tinha muito talento, e um gosto por dar alcunhas, todas capazes de serem ouvidas e com certa propriedade; por exemplo, Francisco de Araujo Lage, funcionario publico da Fazenda, era de um semblante naturalmente risonho com doçura; Dom Miguel de Mello preparou-o com a alcunha: o dilicias. Francisco de Araujo Lage teve por pai um Almirante, e foi educado no Collegio dos Reverendos Padres ditos vulgarmente em Lisboa os Inglezinhos, Seminario para todas as Dioceses, já se sabe Catholicas, da Inglaterra, fundação feita em Lisboa quando o Protestantismo era furioso na Grã-Bretanha contra o Catholicismo. Este Seminario foi sempre e é uma perfeita Eschola de educação religiosa, ecclesiastica, e social e assim de maneiras; alguns de aquelles Padres Mestres foram Authores, e suas obras correm impressas e são mais conhecidas na lingua ingleza; e ainda ha pouco o Reverendo Padre Ricardo concluiu um mui bem composto Dictionario. Outro Professor do mesmo Seminario, o Doutor Illey, era notavel Physico, e foi quem, ajudado por um dos Seminaristas, seu discipulo, fez ver por um modelo de ferro via circular n'uma das grandes salas dos bons Barões de Alcochete em seu Palacio na rua Formosa em Lisboa; fez ver practicamente o que eram as vias ferreas, e como por estas corriam os comboios puchados a vapor. Padre Carlos foi nos Inglezinhos um chymico theorico e pratico; Padre Lourenço um Maestro, deixando bellas composições; etc. e todos completos Sacerdotes. No referido Seminario, dito propriamente Collegio de S. Pedro e S. Paulo, é a sua designação official, a lingua é a ingleza, mas para os de fóra a portugueza como a do Paiz, e as outras linguas vivas, o que faz com que tantos e tantos de diferentes nacionalidades se soccorram de aquelles Reverendos Padres para as confissões e para os conselhos; e quantas vezes não são Elles ainda chamados para as casas em auxilio espirituall! Os Sermões na sua Igreja são pregados em inglez, porém com uma só excepção no Dia da Festa dos Principes dos Apostolos, na qual o Sermão é pregado em Portuguez.

E' uma Casa onde reina com a virtude a alegria. Têm jardim o Collegio e tem este duas quintas; uma na Luz, e a outra ao sul do Tejo na Outrabanada, como se diz na capital portugueza; as duas quintas dão desfago nos dias de sueto, e para ellas vai o Collegio todo nas ferias grandes, indo na primeira parte de estas para a quinta da Luz, e na segunda para a da Outrabanada, onde a vindima é feita alegremente pelos Meninos, expressão de que se servem aquelles dignos Reverendos Professores quando em portuguez designam os respectivos Collegiaes ou Seminaristas.

Em Lisboa sahem estes em dia de sueto e nunca vão a sós, mas formando par, e bem conhecidos se tornam, pois que vestidos rigorosamente á ecclesiastica, uma tarja de panno encarnado lhe passa por debaixo da barba e passando pelos hombros vai cahir ás costas; esta facha tem a forma de remo, alludindo a S. Pedro-Pescador. Faz parte ainda hoje do Todo-Collegio dos Inglezinhos o seu Cemiterio privativo; a autoridade policial nunca intentou prohibir n'este os enterramentos dos cadaveres dos fallecidos no mesmo Collegio; e como intentaria tal quando ha dous Cemiterios para Protestantes ainda hoje recebendo restos mortaes dentro de Lisboa, e avisinhados um do outro? Do Reverendo Professor no mesmo Collegio-Seminario, Doutor Illey diremos ainda, que foi elle o inventor de um systema telegraphico, que seria o telegrapho do Mundo se logo logo não viera o telegrapho electrico; ainda assim a invenção-Illey foi apreciada e comprada por preço na Inglaterra; este notavel Professor era condecorado com a Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa por seus relevantes serviços feitos á verdadeira educação, e instrução, em Lisboa; foi-lhe feita justiça, que não requereu. Muito haveria a dizer em homenagem a tão distincto Estabelecimento! Mas como é que Francisco de Araujo Lage, e outros taes, o Marquez de Fronteira e seu irmão Dom Carlos Mascarenhas, Antonio Pereira de Menezes (casa Bertandos), Gil Guedes, pai do Sur. Marquez da Foz, etc., foram admittidos como collegiaes nos Inglezinhos? Durante o tempo do primeiro Napoleão deram-se as complicações com a Inglaterra de todos historicamente conhecidas; por tal motivo não poderam vir das Dioceses de Inglaterra os privativos collegiaes, e o Collegio-Seminario referido foi auctorizado competentemente a receber educandos internos como qualquer outro collegio, o que foi logo aproveitado pelas familias que dariam tudo para que tão grande beneficio fosse aproveitado por seus filhos. De este modo foi evitado que o Collegio fechasse, e interrompesse absolutamente sua Missão de educar a fundo! Do primeiro Conde de Murça vá mais alguma cousa; antes de 1834 foi Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, e foi um Ministro que deixou bom nome pela sua gerencia, embora não geitoso para administrador de casa; era para mais, não era para menos. Tinha, como de algum modo fica alludido antes, suas originalidades; sua distracção ou recreio era a partida barata á noute; de frente do seu palacio estava o palacio dos Viscondes de Asseca, e tudo parentella, e o Conde apreciava muito ir fazer a partida a casa dos parentes vizinhos fronteiros; mandar pôr a carruagem só para passar de um lado da rua para o outro parecia ao Conde excusavel; atravessar a pé, principalmente em noutes de chuva, receava, e n'estas apreciações de transitio mandava chamar, embora os muitos criados, um agoadeiro do proximo chafariz, ás Janelas-Verdes, e atravessava a rua ao collo do agoadeiro, para lá e mais tarde para cá, o qual não ficava mal pago.

Quando o Conde percebia que um ia dizer a outro a alcunha, ou preparo com que Dom Miguel de Mello o tinha preparado, acudia logo o Conde, dizendo:—bão lh'o diga, deixe-o viver no seu engano. Antes da politica ser o pasto social e a questão-ministerio a questão das questões, quer dizer antes da Revolução, havia uma especie de poesia na Sociedade feita por pessoas engraçadas e que eram ditas originaes; memorial as segundo nosso alcance não deixaria de interessar, se bem que muitos hoje não saberiam dar-lhes o valor; aquella poesia acha se substituida pela variedade diaria dos muitos crimes dos quaes se publica a chronica, que é lida e ouvida com mais curiosidade do que senso moral. A Sociedade actual «decahida não pôde deixar de ser semsaborona», embora os seus repetidos festins de Balthasar. Tornando ao Collegio dos Inglezinhos, diremos que ha n'elle montada uma officina typographica «Religioni vindicandae». Não é no mesmo Collegio-Seminario mui numerosa a corporação dos Reverendos Padres Professores, porém são estes tão habilitados e competentes que formam completos futuros Sacerdotes. Digne-Se Deus confirmar a Lisboa o bem da conservação de tal Casa Sua; sim, Casa de Deus! Desde nossa infancia datam nossas relações pessoas com o Collegio dos Inglezinhos, o que reputamos um favor do Ceu não merecido mas Misericordioso, e n'este decorrer de tempo temos co-

nhecido lá quatro Presidentes; Presidente é a designação do Superior-Reitor do mesmo Collegio Seminario.

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

OMOS brindados com um aprecia-
vel livro—RELIGIÃO E CRITICA por
Egydio Pereira d'Oliveira e Aze-
vedo, bacharel formado em theo-
logia, conego honorario da Sé de La-
mego, professor de sciencias ecclesias-
ticas no Seminario de Coimbra; e tam-
bem com os

Sermões do grande orador Padre
Agostinho de Montefeltro, pronunciados
em Roma.

Vamos lê-los e depois diremos a im-
pressão que nos deixaram.

SECÇÃO NECROLOGICA



Fallecimento do snr. Arcebispo de Larissa

ESTE de luto a Egreja portugueza.
O exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. Arcebispo
de Larissa, D. João Rebello Car-
doso de Menezes, falleceu repen-
tinamente no dia 6 do corrente, pelas
4 e meia horas da tarde, no seu pala-
cio em Lamego.

Para todos aquellos que tiveram a
ventura de conhecer este illustrado
Prelado, a noticia da sua morte, trans-
mittida quando menos se esperava,
causou uma sensação impossivel de
descrever. Em idade em que ainda
promettia longa vida (contava 57 an-
nos), na apparencia robusto, d'uma
actividade extraordinaria, zeloso como
cumprimento ser a todo o Prelado informado
no verdadeiro espirito apostolico, fa-
zendo-se «tudo para todos», cahiu pro-
trado precisamente quando todas as
vistas se concentravam n'elle, quando
mais se esperava do seu ardente zelo
e da sua actividade prodigiosa. Quam
falliveis são as previsões dos homens
e quam insondaveis os designios da
Providencia!

A morte do snr. Arcebispo de Laris-
sa foi uma enorme perda para a Egre-
ja portugueza e principalmente para a
diocese de Lamego. E esta bem o de-
monstrou por occasião de seus fune-
raes, correndo pressurosa a prestar as
ultimas honras ao finado Arcebispo, e

vertendo sentidas lagrimas sobre o seu
cadaver.

A vida do snr. D. João Rebello foi a
d'um verdadeiro apostolo. Era oriundo
de familia illustre e abastada, estava-
lhe destinado o morgadio, porque era
o filho mais velho, mas esta posição
brilhante não o deslumbrou. A sua vo-
cação chamava-o ao sacerdocio, e de
bom grado trocou a farda de fidalgo e
as commodidades da vida de palacio
pela sotaina de padre e pelas agruras
do viver de missionario apostolico.

Apenas ordenado sacerdote (19 de
setembro de 1857), quedou-se pouco
tempo em Villa Real, onde desempe-
nhou o cargo de capellão do convento
de Santa Clara.

Não o satisfazia, porém, aquella vi-
da, pouco laboriosa para um tempera-
mento tão ardente e tão inflammado,
como o seu, no desejo de tornar mais
conhecido e venerado o nome do aman-
tissimo Jesus. Fez-se missionario, e de
camaradagem com esse grupo illustre
d'obreiros do Senhor que percorreram,
se a memoria nos não atraioça, as nos-
sas provincias de 1868 até 1874 a
missionar os povos, espalhou durante
doze annos, que tantos foram aquelles
em que se entregou á laboriosissima
vida de missionario, a palavra de Deus
por toda a parte.

Teve então por companheiros de
missões vultos tão sympathicos e res-
peitaveis como o Padre Meli e o Padre
Carlos Rademaker, dois benemeritos da
religião em Portugal. O ultimo, o sau-
doso Rademaker, que assombrou os
povos com a sua vastissima erudição
e grande virtude, baixou ao tumulo ha
cinco annos, precisamente no mesmo
dia e quasi á mesma hora em que ces-
sou de bater o coração do snr. Arce-
bispo de Larissa, seu saudoso compa-
nheiro. O outro, o Padre Meli, deixou-
nos ha pouco, rallado de saudades e
seguido das lagrimas d'aquelles que ti-
veram a fortuna de o conhecer, depois
de 27 annos de permanencia entre nós,
a fim d'ir, por ordem superior, conti-
nuar em Napoles a sua missão apostol-
lica.

O bem, que este illustre e illustrado
grupo de missionarios fez a Portugal,
é incalculavel. A fé estava morta em
todos os corações, o movimento catho-
lico tinha desaparecido quasi comple-
tamente. A' voz d'aquelles benemer-
itos missionarios surgiram soldados dis-
postos a batalhar pela causa santa. O
gelo da indifferença quebrou-se; quem
era por Deus, uniu-se estreitamente e
aprestou se para a lucta; quem per-
tencia ao campo inimigo desmascarou-
se. Um dos melhores resultados d'es-
tas prégações evangelicas foi incontes-
tavelmente o terem-se extremado os
campos, que até então estavam confun-

didos. Tudo o que no campo catholico
ha de bom depois de 1834 ou é ex-
clusivamente devido a esse punhado
d'obreiros missionarios, ou foram elles
que para isso contribuíram com a união
que entre os catholicos conseguiram
estabelecer.

Depois de doze annos passados na
laboriosa vida de missionario, o snr.
D. João Rebello foi nomeado vice-rei-
tor do Seminario bracarense (1874).
Ao seu zelo se deve, em grande parte,
a florescencia d'esta casa d'educação
ecclesiastica. Ninguem faria mais nem
melhor, com os recursos de que então
dispunha, do que fez o snr. D. João.
Isto mesmo o reconheceu o snr. Arce-
bispo, D. João Chrysostomo d'Amorim
Pessoa, que em portaria de 11 d'outu-
bro de 1880 o louvou por esses servi-
ços.

A Sua Santidade não passaram desa-
percebidos os relevantes serviços pres-
tados á Egreja pelo então vice-reitor
do Seminario bracarense: em 1879 Sua
Santidade Leão XIII nomeou o snr. D.
João capellão honorario *extra urbem*, e
em 1881 elevou-o á dignidade de Pro-
notario apostolico e Prelado domestico
da Sua casa.

Mais tarde, em setembro de 1884,
foi o snr. D. João nomeado Arcebispo
de Mytilene e vigario geral do Patriar-
chado; e no consistorio de 14 de mar-
ço de 1887 foi preconizado coadjutor
e futuro successor do snr. Bispo de
Lamego com o titulo d'Arcebispo de
Larissa.

Todos sabem o zelo com que s. ex.^a
rev.^{ma} se dedicou ao desempenho do
seu novo cargo, cheio de attrictos e
erigido d'espinhos.

A principio encontrou difficuldades;
a rectidão de suas intenções não foi
comprehendida, e houve quem sentisse
prazer em amargar aquelle coração
diamantino. A mesma auctoridade ci-
vil nem sempre se lhe mostrou favo-
ravel; e um ministro d'Estado, n'um
momento de fraqueza ou d'excessivo
zelo, enviou ao illustre Prelado uma
d'essas portarias que hão de ficar na
historia para attestar a *religiosidade*
dos nossos actuaes homens d'Estado e
o modo como nas espheras officiaes se
compreende o que são as relações
entre o Estado e a Egreja.

Depois da tempestade veio a bonan-
ça. O caminho, que o snr. D. João en-
contrára, ao dar seus primeiros passos
em Lamego, repleto d'urzes, juncára-
se-lhe de flores. A sua affabilidade, o
seu zelo apostolico, a sua caridade
para com todos, o amor que patenteava
ao seu clero, todas estas qualidades
nobilissimas extinguiram-lhe os inimi-
gos, e hoje só tinha na sua diocese
corações para o amar, almas promptas
a darem a vida por elle.

O illustre Prelado ganhára uma importante victoria, mas pouco tempo fruiu os louros d'ella. Era agora que a sua acção ia começar a exercer-se em mais larga escala; era no presente momento que mais fundadas esperanças havia no seu zelo e actividade. A Divina Providencia tinha, porém, decretado em contrario das previsões humanas. O anjo exterminador desceu sobre o paço lamacense e arrebatou para o ceu, como piamente cremos, o virtuoso Prelado, que encarnava em si o futuro brilhante da diocese de Lamego e era uma fagueira esperança da Igreja portugueza.

Curvemo nos, reverentes, ante os decretos do Omnipotente!

Pia crença nos diz que o snr. Arcebispo de Larissa era um justo, e como tal não precisa de nossas orações, antes somos nós que necessitamos das d'elle; porém como as previsões humanas são falliveis, não deixemos d'orar fervorosamente pelo Prelado extinto, porque talvez precise de nossas preces se, por faltas ligeiras, estiver ainda no purgatorio.

Requiescat in pace!

M. Fonseca.

A parca implacavel cortou o fio da existencia á ex.^{ma} snr.^a D. Olympia Augusta de Freitas Moraes Cardoso, so brincha do venerando Primaz das Hespanhas, D. Antonio de Freitas Honorato. Era uma senhora lhana e recta, de sentimentos nobres e generosos: era um anjo. Enviamos os nossos sentidissimos pezames ao ex.^{mo} e rev.^{mo} snr. D. Antonio, e pedimos aos nossos piedosos leitores uma prece pela alma da virtuosa finada.

Está de lucto o nosso amigo Padre Antonio José de Souza Barroso, superior da missão do Congo, pela morte de sua querida mãe. Receba o rev. Padre Barroso o testemunho dos nossos sentimentos e a promessa das nossas orações pela alma da bondosa extinta.

SECÇÃO LITTERARIA

MATINAL

No rócido prado
as aves gentis
saltitam da relva
no floreo matiz.

E as auras, que passam
tão ageis, ligeiras,
canções murmurando
nas verdes balseiras,

sacodem do rócio
as gotas brilhantes,
que esmaltam as flores
de vivos cambiantes.

O sol resplendente
no fulvo horisonte
despede mil lumes
das cristas do monte.

E tudo é bonança!
que paz! que frescura!
que doce harmonia!
nos vem da espessura!

A rosa na moita
vaidosa sorri
co'a graça innocente
de timida houri.

Mui perto o regato
murmura queixoso
—responde-lhe alegre
o bando plumoso.

Alem o rebanho
na verde campina
correndo e ballando
à luz matutina!

Alli sonorosas
as aguas de prata;
mais lá tarde lancha,
que a agua retrata!

Que cores tão finas!
que limpidos ceus!
um quadro tão bello!
que encanto, meu Deus!

Bafejo travesso
da aragem fluente
revolve os aromas
no puro ambiente.

Mil vozes reboam
no ar joviaes:
—são hymnos a Deus
nos sons matinaes!

Lagôa—Abril—89.

Duarte Bruno.

RETROSPECTO

A festa do Collegio do Espirito Santo.
—Já ha muito tempo que não assistimos a uma festa tão sympathica e tão deslumbrante.

S. Ex.^a o snr. Nuncio, representante de S. Santidade n'este paiz, veio assistir ao que podia haver de mais cor-deal e sincero, de mais solemne e espontaneo n'uma solemnidade escolar, na qual tomaram parte professores e alumnos, subditos e admiradores do merito e virtude de S. Ex.^a.

No collegio do Espirito Santo, bem conhecido e muito acreditado, não se

poupou o seu dignissimo director em demonstrar a S. Ex.^a o quanto estimavam e veneravam a sua visita e a honra da sua hospedagem.

Principiou ás 8 horas da noite a illuminação que foi dirigida artisticamente. O edificio e a espaçosa cerca prestam se admiravelmente para estas solemnidades. E' um edificio cheio de luz e de ar, de virtude e de sciencia.

Na ampla frontaria interior a illuminação tinha um aspecto grandioso pela multiplicidade e amplidão abrangendo todos os angulos do edificio, encimado pelo distico feito de luz—*Viva S. E. O S. Nuncio.* No grande largo interior crusavam-se em todas as direcções os festões de balões venezianos ligados a especies de columnatas, que sobressaíam como pinhas ou bouquets de luz.

No centro havia um lago bordado de luz que se reflectia na agua em vibrações de prata, espalhadas pelo espaçoso largo, muitas peças de fogo de artificio que augmentava o apparatus da illuminação; e ao longe as arvores brilhavam como se um diluvio de pirlampos bordasse a folhagem.

Viam-se ali as familias mais distinctas d'esta cidade que passeavam na espaçosa avenida, trocando respeitossos cumprimentos e animada conversação.

Os alumnos do collegio alegres, expansivos, saltavam, brincavam como loucos n'essa noite de folga em que os livros repousavam para dar folego ao entusiasmo d'aquelles corações infantis que n'esse amplexo de amizade fraternal e escolar se banquetevam n'uma solemnidade de luz e de carinhos.

O fogo de artificio foi admiravel de variedade e belleza, exhibindo-se diferentes peças com emblemas relativos á festa e disticos commemorando S. Ex.^a o Nuncio e o collegio.

Foram tambem deitados diferentes balões e cabe-nos dizer aqui que S. Ex.^a deu-nos o prazer de o ver alegre e entusiasta, dirigir esta diversão, encaregando-se de, com toda a pericia, enviar ás nuvens alguns d'esses pequenos aerostatos.

O que nos surpreendeu deveras foi a *marche aux flambeaux*. Que bella! que surpreendente! aquelle exercito de crianças em cujo peito pulsa um coração innocente e puro como as açucenas, e franco e leal como os puritanos.

Lá iam elles, cada um com o seu ar-chote, agglomerados, disputando cada um o lugar da frente para victoriar com mais entusiasmo o dia, a solemnidade, o dignissimo representante do Summo Pontifice, os seus professores e director.

Percorreram assim a espaçosa avenida, perdendo-se depois por entre os outeiros arborizados da cerca, n'uma invasão de luzes, como se todas as estrellas do espaço cahissem alli e se movessem n'um impulso de vida. E então os brados que sahiam d'aquelles pequenos peitos! vivas a S. Ex.^a o sr. Nuncio, a Sua Santidade Leão XIII, aos seus professores, à patria e ao dia de tanto regosijo.

Que saudações inspirou a muitos aquella festa escolar!

Vimos lá alguns bachareis formados que foram collegiaes d'aquelle instituto com as lagrimas nos olhos, despertando a saudade d'esses tempos de creança em que tudo é formoso e bom, desprezencioso e innocente.

Pazia-lhes a impressão deliciosa e triste de quem olha para o passado com saudade!

E então abraçavam os professores, dirigiam-lhes palavras sentidas e francas, animavam-os a proseguirem n'essa instituição abençoada que tão bem illustra os candidatos a bachareis ou a qualquer carreira das lettras.

E os professores e director correspondiam a essas amabilidades, com a alegria de quem teve por discipulos rapazes como Carlos Braga, Antonio Rodrigo Machado e outros.

Era meia noite quando começou a retirada dos concorrentes àquella sympathica festa. Os paes dos alumnos que ahi frequentam as aulas, estavam radiantes de alegria e entusiasmo quando viam os seus filhinhos n'aquella onda de entusiasmo infantil; depois retiraram-se tristes com a saudade de não verem talvez todos os dias aquella brilhante festa.

Na segunda feira foi a festa da distribuição dos premios aos alumnos classificados nas differentes disciplinas que ali se leccionam, no aproveitamento das aulas, na instrução religiosa, no bom comportamento e na applicação, sendo pretexto para esta sympathica festa uma representação dramatica.

Principiou às 8 horas da noite. O theatro é um bijou de arte scenica.

Representou-se o drama—*A restauração de Pernambuco*.

O Seminario de Santo Antonio e S. Luiz.—Foi tambem um dos estabelecimentos d'educação e ensino, visitados por Mgr. Vannutelli, durante a permanencia d'alguns dias em Braga.

Foi aprazível a sua visita, como inesperada, e aprazível foi a sua recepção.

O rev. director do Seminario não se poupou a trabalhos para receber dignamente o illustre representante do Supremo Hierarcha Leão XIII. A casa

adornada, ainda que com simplicidade, produzia um lindo effeito, attento o gosto, ordem e limpeza em que se achava e que Mgr. Vannutelli notou. Dos aposentos da casa o que mais sobressahia era a capella, a sala de recepção e das visitas.

E' indissivel a alegria que se dividia em todos os seminaristas, por verem juncto a si o representante de Sua Santidade; traduzia-se essa alegria pelos calorosos e entusiasticos vivas e palmas, levantados a s. ex.^a e ao illustre Arcebispo de Larissa que o acompanhava.

Executaram differentes cantorias, sobressahindo a todas um hymno, cuja composição «parecia inspirada», como disse Mgr. Vannutelli. S. ex.^a dignou-se inscrever o seu nome no livro dos visitantes, seguindo-se-lhe o digno Arcebispo de Larissa, e Mgr. Quezada, auditor do sr. Nuncio Apostolico. Eis o que lemos no livro dos visitantes, escripto por s. ex.^a:

Quoniam Deus aedificavit hanc domum, non in vanum laboraverunt qui aedificaverunt eam. Et hac die, 27 Maii, an. 1890.

† *Vincentius, Archiop. Sardinus Nuntius Apostolicus.*

Ego plantavi, Apollo rigavit, Deus autem incrementum dedit. Braga, 27 de Maio de 1890.

† *João, Arcebispo de Larissa. (1)*
Mgr. J. Quezada

Todos se retiraram muy penhorados, julgando que este pequeno grão de mostarda, ha tão pouco tempo lançado à terra, não progrediria tanto e em tão pouco tempo, como realmente se vê, disse o illustre Arcebispo de Larissa, alludindo ao estado primitivo do actual Seminario, conhecido então com o nome de Quartel de S. Luiz Gonzaga.

Porém, o que mais penhorado se retirou, dando mil parabens ao incansavel director do Seminario, foi Mgr. Vannutelli; e como prova d'isto prometteu participar a S. Santidade a nobreza das aspirações d'este estabelecimento, cuja consecução depende da mão amiga da caridade, e impetrar do mesmo Santo Padre uma recommendação especial para esta casa de indissivel beneficencia. Sim, indissivel; tirae o bom padre, desde logo chorareis sobre a sociedade. E' o bom padre a primeira alavanca na constituição da boa sociedade; a experiencia nol-o diz. Concorrendo, pois, para o desenvolvimento e progresso do Seminario de Santo Antonio e S. Luiz,

(1) O anjo da caridade, descendo aos formosos jardins da Igreja, já colheu aquella flor branca como as neves alpinas e pura como os raios do sol..... Morreu!!!.....

que se dedica unica e exclusivamente à formação do bom clero, concorrereis, ainda que indirectamente, para o desenvolvimento e progresso da sociedade.

O Nuncio apostolico da Santa Sé em Portugal, retirou-se para a capital no dia 28 de maio.

A *gare*, a fazer-lhe as ultimas despedidas, concorreram quasi todas as auctoridades ecclesiasticas, algumas das civis, muito clero e varios cavalheiros dos mais respeitaveis da cidade de Braga. Os alumnos do Collegio do Espirito Santo, enfileirados e levando à frente uma musica, prestaram alli as ultimas honras ao seu illustre e dignissimo hospede. Sua exc.^a levou da Roma Portugueza as mais agradaveis impressões, promettendo voltar novamente alli antes da sua elevação ao cardinalato. A religião catholica está *morta* (!); mas os seus principes recebem por toda a parte homenagens como ninguem!!! E' a manifestação da verdade na sua opulencia sempre falga...

As poucas palavras que n'este momento *solemne* uso dirigir aos amaveis leitores do «Progresso Catholico» são apenas um *grito partido* do fundo do coração, um *lamento* acompanhado d'essas *lagrimas*, que, correndo silenciosas dos nossos olhos, melhor exprimem a *dór* que nos enluta. E' *triste*, é mesmo *doloroso, lancinante e truculento*, para a familia, para a patria, para a sociedade, para a religião, que, no ultimo quartel do seculo XIX, quando tudo *caminha* aliado, afdalgado, estragado, os soltainas nos atirem à cara esta *pedrada enorme*:—A bella quinta de Montariol vae converter-se n'um convento de varatojanos. E esta!!!

Portugal está *doido* varrido, e a *liberdade* traz a cabeça a juro.

Nós pedimos ao sr. Joaquim de Carvalho, muito entendido na materia, que dê uma sova no «Universal», diario muito bem redigido que se publica em Braga.

Aquelle diario, olvidando os ensinamentos do sr. Joaquim, bem como a sua competencia immortal, bellisca e rasga as *bellissimas* theorias do redactor do «Conimbricense», publicando este *escandaloso* artigo:

«*Mais um convento entre nós.*—A bella quinta de Montariol, com a sua magnifica casa edificada pelos jesuitas do collegio de S. Paulo, d'esta cidade, depois d'uma interrupção de mais de cem annos, volta novamente a ser propriedade e habitação d'uma ordem religiosa.

Vamos alli ter uma congregação de varatojanos.

A poucos passos de distancia, aqui mesmo dentro da cidade, temos o magnifico convento dos religiosos do Espirito Santo, onde ha pouco se hospedou o ex.^{mo} Nuncio Apostolico; e na rua de S. Barnabé temos um outro convento de frades jesuitas.

Este é o facto: e affirmando-o, é de justiça o confessar que nem ainda soffreu a liberdade, nem perigaram as instituições, nem soffreu a moral publica nem tampouco se causou prejuizo algum á sociedade.

Pelo contrario: a Ordem do Espirito Santo tem prestado ao ensino e educação da mocidade bons e apreciaveis serviços.

O novo convento de Montariol, cremos que os prestará tambem; e tanto uma como outra ordem nos teem auxiliado immenso no ensino e educação de missionarios e colonos para as nossas possessões ultramarinas.

O que, porém, se torna inacreditavel, é que estes conventos, estas comunidades religiosas possam existir de facto, que se lhes reconheça a vantagem e utilidade, que o proprio governo se veja na necessidade de recorrer a ellas, e que não tenham o direito e liberdade de existirem á sombra das nossas leis, como existem todas as outras collectividades.

E talvez pelo receio de que perigues a liberdade ou soffra algum detrimento o systema constitucional!

Valha-nos Deus, que havemos de ser sempre *piegas*, sem sabermos cortar a direito e tirar toda a vantagem d'esses institutos em favor da civilisação das nossas possessões ultramarinas!

Concede-se-lhes o facto, mas nega-se-lhes o direito!

Estulta inconsequencia!

Piegas!!! Não basta sustentar uma opinião contraria, tio Joaquim! ainda por cima a *troça*, a *ironia* pungente, o *sarcasmo* degradante... Um conselho:

Curve-se ao pé do tumulto do fallecido Aguiar; diga-lhe baixinho o que se está passando na patria; conte-lhe pelo miúdo quantas dôres, quantas lagrimas, quantos ais! quantos suspiros, quantos berros, quantos gritos não teem encommoado, estafado, esbandalhado os reverentes ir... adoradores da *suprema estrella branca*; veja se elle levanta a cabeça do seu travesseiro de pedra para o ajudar na grande faina porque... (o tio tenha paciencia) a sua *esperteza* está bastante avariada.

Este conselho é de verdadeiro amigo; faça o que lhe recommendo, aliás os *corvos* do Vaticano podem dar com tudo em pantana, isto é, com o tal *progresso*, *terno filhinho* das evoluções *omnipotentes*, as quaes o Carvalho *amigo* tanto ama, tanto adora. Não lhe parece? Quando qualquer varatojano

ouve pronunciar o nome do *amigo* ri-se muito, muitissimo. Porque será?

Já me disseram que o mestre Joaquim incha como uma bicha quando a imprensa propala os innumerados triumphos d'aquelles benemeritos da patria, d'aquelles anjos de caridade. O mestre anda muito mal procedendo assim, porque elles vingam-se logo, logo, multiplicando benemerencias, cultivando mais e mais a virtude, espancando a treva, sopeando o erro, estrangulando o vicio. Dedicam-lhe aquella decima bem conhecida de Cabral de Vasconcellos:

Tendes o cravo no peito
O logar improprio é;
Pois se o tivesses no pé
Era o logar mais perfeito:
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura;
E' só com doce brandura,
E sem vos fazer agravo,
Dar-vos pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

Ora aqui tem!!

Um convento de varatojanos em Braga (ouça, mestre!) é uma pancada no cravo sem locar na ferradura; é a verdade que vae esmagando o erro. Tenha paciencia...

Não conhecemos espectáculo mais bello que um parochio zeloso pela gloria de Deus, pelo aceio e boa ordem na casa de Deus e pelo aproveitamento espiritual dos seus parochianos, e estes amantes do seu parochio, e do ceis aos seus bons conselhos. E graças a Deus, parochos e parochianos assim, ainda os ha bastantes em Portugal, apesar do espirito da liberdade ou antes da revolta, da soberba e insubordinação que ameaça invadir tudo.

Tão bello espectáculo offerece entre outras a freguezia do Estreito da Calheta da ilha da Madeira.

O zelo do parochio, cóadjuvado pela generosidade e devoção dos parochianos, já tinha transformado a egreja parochial n'uma verdadeira joia entre as egrejas ruraes da Madeira; mas quiz ir mais além e embellezar igualmente as immedições e arredores d'ella. Ouçamos a tal respeito um periodico madeirense:

«Vamos narrar um facto curioso e, digamos, já raro n'esta epocha, que demonstra o cuidado e interesse que teem os povos da freguezia do Estreito da Calheta pela sua egreja.

O adro d'esta, que antigamente servia de cemiterio, estava por calçar e no inverno era tal o lameiro que ali se formava, que se tornava quasi intransitavel.

Para obviar a este inconveniente, o que se ha de lembrar o revd.^o Vigario? De pedir aos seus parochianos, que contribuissem para o calcetamento do adro,

indo cada um buscar a pedra á praia do Jardim do Mar, uns 12 kilometros de caminho!—e outra parte á praia da Calheta, vendo-se em todos os rostos sincera satisfação de quem contribuia para uma boa obra.

Isto não admira de resto, porque alem d'essa pobre gente ser dotada de grandes sentimentos religiosos, estima deveras o seu parochio.»

ANNUNCIOS

Segunda edição de propaganda popular

DA
IMITAÇÃO

DE

JESUS CHRISTO

Segundo uma traducção publicada em 1743, reimpressa em 1877 e agora revista, correctada e confrontada com a edição latina e novamente prefaciada.

COM APPROVAÇÃO DE S. EM.^a O SNR.
CARDEAL BISPO DO PORTO

1 vol. de perto de 350 pag. encadernado com quatro estampas

Preço 250 réis—Pelo correio 280

A' VENDA

EM GUIMARÃES—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas, successores.

BONS LIVROS

A ESTRELLA DE NAZARETH, lendas e narrativas da Terra Santa sobre a Santissima Virgem; 5 volumes com magnificas gravuras de pagina... 2\$500

CANCIONEIRO DE LEÃO XIII ou os versos latinos e italianos de Sua Santidade, postos em rima portugueza e precedidos da sua biographia e retrato; 1 grande vol. de luxo... 2\$000

A MULHER CRISTÁ desde o nascimento até á morte. Estudos e conselhos por madame M. de Marcey, 1 grosso vol... 500

O ANJO DA TORRE. Narrativa do tempo de Isabel, rainha de Inglaterra, 1 vol... 500

João de Lemos

A IGREJA CATHOLICA e o seu clero regular e secular nas sciencias, nas letras e nas artes; um grosso vol de trezentas e tantas paginas... 500

ENTRETENIMENTOS DO CORAÇÃO DE VOTO COM O SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS, pelo padre Theodoro de Almeida, 1 vol. encadernado... 400

A' venda na LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, editora, rua da Picaria n.^o 85 e em Guimarães na de Teixeira de Freitas, e nas principaes livrarias do reino.